Flávia: A gente está aqui com a Helena, integrante das Mulheres do GAU. A gente vai conversar um pouquinho com ela, que vai contar um pouco da história do grupo, e também se apresentar e contar como chegou até aqui. Então fique à vontade, Helena.

Helena: Eu sou uma das integrantes das Mulheres do GAU. Estamos aqui neste espaço Viveiro Escola. Vim da Bahia, lógico, muito tempo aqui morando, e tive um convite por um pessoal que estava no Viveiro há um tempo para fazer aprender a mexer com a terra. Eu vim, me apaixonei; essa brincadeirinha já está com uns onze anos. Foi em um viveiro, num outro espaço, viemos para este; pegamos este sem nada, só na terra, porque era um descarte de entulho, assim, de madeira, de obras, essas coisas, e hoje, graças a Deus, a gente vê um paraíso. Eu costumo falar que aqui é o meu paraíso, porque é logo a floresta, e tem de tudo aqui, tanto de horta com ervas medicinais como bananais. De tudo tem um pouquinho no espaço, pequeno, mas é muito rico e muito proveitoso para nós, Mulheres do GAU. E do outro lado, foi bom também porque sair daqui, de São Miguel Paulista, para ir pra cidade, para outro bairro para trabalhar, pegar trem cedo, ônibus lotado, é difícil. Meu transporte é uma bicicleta para vir para cá, e nosso custo, nós tiramos daqui. Então é da horta pra mesa, e temos... Fazemos nossos cafés aí, nossos *coffee break*, e é disso aí que nós tiramos, nossa comida, nossos lanches, é muito reconhecido, graças a Deus, e isso é muito gratificante para nós e é muito rico. E estamos aqui do lado de casa, e é muito bom isso.

Flávia: E esse espaço em que vocês atuam, as Mulheres do GAU, que é o Viveiro Escola, é um espaço que é do CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo)?

Helena: É, é um espaço que é do CDHU.

Flávia: É uma parceria então que vocês têm com eles?

Helena: É uma parceria que nós temos com eles para plantar e colher, cultivar isso aqui, né. E comer uma comida saudável. E nessa pandemia mesmo, a gente está servindo cestas para o CREN (Centro de Recuperação e Educação Nutricional), e a gente tem prazer de passar essas cestas, nossos legumes, porque é uma coisa natural, saudável, não tem veneno, e é isso aí que está mantendo a gente, porque deu uma parada legal, acho que para todo mundo; a gente... Esse pouco do CREN, e tem a parceria também do NUA (Instituto Nova União da Arte), que é com as mulheres do GAU na cozinha; nós fazemos oitenta marmitas, cem até, pra... Ele contratou a gente para fazer essas marmitas para os velhinhos daqui, para os moradores daqui do bairro da União.

Flávia: Então essas duas ações que você comentou, Helena, do CREN, que é relacionado a assistência, então, com essas crianças, e do...

Helena: Do NUA.

Flávia: Do NUA, que é uma instituição para fazer marmita pra terceira idade.

Helena: Exatamente.

Flávia: Bacana. E antes da pandemia, quais eram as ações que vocês tinham?

Helena: Tinha muitas. Porque a gente era contratada para esses *coffee break*, desses cafés chiques aí, pra cidade... Nós recebíamos muitos visitantes aqui, eles contratavam a gente pro almoço, café. E além de eles virem de longe conhecer o nosso espaço, conhecer esse espaço em que nós estamos, a gente servia as nossas comidas para eles. Também vendia horta, hortaliça para eles, banana, cacho de banana. Então isso aqui tudo é um lucro, né, que é a gente mesmo que planta, colhe e faz isso aí. Então, era bastante, hein. Era de segunda a segunda, praticamente.

Flávia: E esses eventos que vocês preparavam, essas refeições, são todos com alimento aqui da horta?

Helena: Ah, sim. Comida orgânica, daqui da horta; e às vezes, quando não tem a da horta para manter, que isso aí é uma coisa assim... Como nós trabalhamos com muitos sucos naturais, e é muita coisa; não é pouco suco, é muito, né.

Flávia: Legal. E aí você comentou que vocês têm essa organização entre horta e a cozinha, que produz...

Helena: É, da horta para a cozinha, né?

Flávia: Isso.

Helena: Então, é que tem essa parceria entre nós mesmas; lá e cá ao mesmo tempo, mas tudo aqui no mesmo espaço.

Flávia: E vocês estão em quantas mulheres?

Helena: Nós estamos em nove mulheres.

Flávia: E como que vocês se conheceram?

Helena: Ah, isso é uma coisa muito maluca, muito gostosa, porque assim... Sendo daqui do bairro todas, só uma que não é, a Elaine, e a Bruna agora, que a Bruna é próxima daqui e a Elaine é de lá de Itaquera. Mas a gente sendo daqui mesmo do bairro, a gente não conhecia uma à outra, e com esse curso que a CDHU, no outro espaço do Viveiro, que estava formando, que deu pra gente... Que foi isso aí que me abraçou, que eu tive o convite do vizinho, foi nesse curso que a gente foi... Que vinha vários moradores, formava o curso; no tempo tinha a Gabi, que ela era... mexia com a terra. Ela é bióloga, não sei. E várias delas davam o curso pra gente, e dali, daquele espaço, a gente daqui do lugar que foi conhecendo uma à outra. E aí já viu, né, passar uma semana, duas semanas se conhecendo, tudo no mesmo espaço, aí fomos abraçando esse curso que nós aprendemos, essa plantação, que era no vaso naquele momento, e fomos... Aí teve também, sermos zeladores de praça, né, surgiu esse curso pra gente, que estava em começo, né, e daí passamos mais tempo juntas umas com as outras. E daí, viemos para cá, e daqui mesmo já nos abraçamos, e todas baianas, só tem a Vilma que é pernambucana, a Elaine agora é paulista, a Bruna também é paulista. Mas é uma coisa de louco, nós morarmos no mesmo espaço, não nos conhecíamos, e hoje nós somos uma família. Isso é muito, muito legal. E como nós, naquele tempo, só tivemos o curso para aprender a mexer com horta, com ervas medicinais e ensinar o pessoal a plantar em suas casas, o que aconteceu: o tempo para formar as Mulheres do GAU – estávamos em quatro quando formamos aqui, neste espaço mesmo em que me encontro hoje; eu ficava deste lado e dona Iraci desse lado. Aí ela falou... Estava um pouco frio, aí a dona Iraci: “Helena, vamos tomar um chazinho?”, e eu falei “onde, vamos tomar esse chazinho aqui?”, porque não tinha cozinha nesse tempo. Ela falou, “Helena, na Bahia nós pegávamos cavaquinho, uns pedacinhos de madeira e fazíamos uma fogueirinha”. E tinha um carretel aqui de madeira, aí falei “vamos mesmo, dona Iraci”. Colocamos uma folha de zinco, um pedaço que tinha aqui debaixo em cima desse carretel, colocamos um foguinho, colocamos quatro alvenarias que tinha aqui, tijolinho. E ela já tinha a chaleirinha, que ela trazia as coisas dela, e as folhas nós já tínhamos aqui; a cidreira, erva-doce. Fizemos esse foguinho, fizemos chá, e ali fomos gostando, fizemos fogãozinho, que tem nessa foto que ia te mandar e não mandei, e dali surgiu as Mulheres do GAU. Agora, uma coisa assim que aqui pro bairro, o pessoal mora aqui, como nós, conhecemos porque foram convidados por um pessoal da CDHU, fazendo

curso, horta em casa, passamos a nos conhecer, e continua ainda, gente; o pessoal daqui não dá muito valor a vir visitar, vir conhecer o espaço.

Flávia: É tão bonito quando você passa aqui de fora, né?

Helena: Tão lindo... E não é falta de convite, a gente chama. Mas o pessoal de fora é que é nosso foco aqui, eles valorizam bastante. Inclusive, essa casinha aqui foi feita toda com jovens de fora, e eles amam; tardes maravilhosas, muitas tardes para fazer essa casinha aqui, muito sábado, muito mutirão, e o importante é que ela foi feita toda de reciclagem. A gente tem que notar esse... Resgatar essas coisas aí. Gastar menos, e que tem como viver sem tanto gasto.

Flávia: E, Helena, eu queria que você contasse um pouco – eu sei que é difícil essa pergunta, mas, no espaço em que vocês trabalham, qual que é onde você mais gosta de trabalhar?

Helena: Opa, fechou! Na casinha da vovó, sem dúvida, gente.

Flávia: Conte um pouco desse espaço.

Helena: O Viveiro, eu amo sim ele todo. Desde quando eu entrei por aquela porta que eu amo este lugar. Falando para minhas colegas que se tiver que dar uma treta, algum um tapa aqui, eu dou em alguma colega, mas no lugar, jamais! Por onde passo, eu falo muito bem, porque é a natureza, né, gente, não tem como... Eu e todas nós, porque você vai conhecer muitas histórias de todas, e vão ser a mesma, de se apaixonar e estar aqui porque gosta. A casinha da vovó é o lugar, é o espaço em que eu me sinto realizada, é este aqui. Eu gosto muito de flores, de jardim, de plantar, alguma coisa assim, inventar, e aqui é o lugar em que eu me encontro, porque eu faço minha horta de ervas medicinais, gosto das flores... Eu deixo um lado para flor e outro para as ervas medicinais. E essa casinha, o mais importante é que vem gente de fora visitar ela e é contado, principalmente se não forem senhoras de idade, sendo até jovem, eles se emocionam quando chegam naquela porta, porque as senhorinhas, elas falam: “meu Deus”, e choram, “fui criada numa casinha dessas, minha mãe foi assim”, e começam a contar histórias, e isso é muito rico pra gente, trocar essa ideia, e elas falam: “vocês estão de parabéns, cultivem mesmo”. E os netos, jovens, os rapazes que passam por aqui falam: “nossa, minha mãe falou que foi criada numa casinha assim, de pau a pique”, então isso é muito maravilhoso, e é um espaço que eu amo, sem dúvida, esse espaço aqui da casinha da vovó, e o Viveiro todo.

Flávia: Faz quanto tempo que ela está construída, essa casinha?

Helena: Essa casinha... Ela tem o tempo das Mulheres do GAU.

Flávia: Ah, é?

Helena: É. Foi daqui que surgiu o fogão à lenha, em que nós fizemos aquele foguinho maluco, foi aí que surgiram as Mulheres do GAU, e foi surgindo também... Tentar crescer ela, que só tinha aquele espaço ali, e tentar aumentar ela para fazer a cozinha, que ainda falta fazer o fogão à lenha, né. Mas devagar nós chegamos lá. E tentamos... Esse espaço em que nós estamos aqui no momento, ele foi feito todo de reciclagem e por visitantes. E não foram poucos não, foram sessenta que vieram para cá, aí contratam o café, o almoço, nós fazemos também aquela... Cada um vem e traz seu lanche, fazemos a mesa linda e maravilhosa, sobra comida para dedéu porque cada um traz um pouquinho, é aquela coisa. A gente foi criado, a gente não comprava nada. A gente fazia plantação; se o pai da gente plantou feijão e o feijão deu bem bom, trocava com o vizinho; um saco de milho pelo saco de feijão, um saco de arroz. Naquele tempo a gente só comprava três coisas: o sal, o açúcar e o querosene, petróleo, três coisas só. E o resto era tudo da terra, tudo a mãe-terra que dava, o esforço

daqueles pais da gente. E outra, era roça, eram imensas as roças, e não se pagava ninguém para trabalhar; todas as comadres se juntavam, as mulheres dos compadres, e faziam de gitório. De gitório era uma semana na roça minha, da Helena; fazia a colheita do feijão, que não era pouco, era muito; na outra semana fazia a colheita do milho, que era na roça do compadre, e aí, cada semana em uma roça. Eu, graças a Deus, estou com sessenta anos, e o prazer de conhecer isso, passar para a minha neta... Filha, a gente viveu... No nosso mundo, lá, a gente não comprava nada, filha, e não pagava nada. Não tinha luxo não, mas a gente era feliz, e comia do bom e do melhor; era tudo natural. Batata era da roça, mandioca era da roça, o leite era da vaquinha, o queijo era da vaquinha, o porco que matasse era para a semana toda, galinha, aquelas enormes... Então tudo dali, tudo plantado, não se comprava nada. Plantava, colhia, tudo ali.

Flávia: Ah, Helena, estou muito feliz de conversar com você. Então, pra gente finalizar, você quer deixar alguma mensagem para as pessoas que vão nos ouvir, que estão nos ouvindo?

Helena: Ah, quero. Vamos cultivar mais a natureza, vamos resgatar esse passado de quem passou um tempinho, que disso aí já vem a reciclagem, já vem o menos gastar, já vem uma vida saudável. E venham conhecer este espaço aqui, que é um paraíso. Que isso é muito bom.

Flávia: Bom, então muito obrigada. A gente ainda vai conversar com mais duas integrantes do grupo. Então, mais uma vez, muito obrigada, Helena, por aceitar participar dessa conversa.

Bom, agora nós estamos com mais uma integrante das Mulheres do GAU, a Joelma; aí vou pedir para você se apresentar.

Joelma: Olá, bom dia, meu nome é Joelma, eu faço parte do coletivo Mulheres do GAU, já estou aqui no coletivo há três anos. Eu tenho 47 anos, sou nordestina, estou aqui em São Paulo há 29 anos.

Flávia: Como que você chegou no grupo?

Joelma: Então, foi através da Vilma. Eu já sou moradora daqui do bairro há 24 anos. Conhecia o projeto, mas não participava. Aí a Vilma me fez o convite, e foi em um tempo em que eu estava passando por umas dificuldades, e aqui estava o projeto do POT (Programa Operação Trabalho), uma operação de trabalho. Aí eu vim para trabalhar e para levar um sustento para casa. E nessa aí o POTinho acabou, eu continuei e não quero sair mais.

Flávia: E aqui, conversando com a Helena, vocês têm... Cada uma tem a sua função aqui no espaço, sua área de atuação, então você trabalha na parte da agricultura.

Joelma: Sim, trabalho na parte da agricultura, e o Mulheres do GAU está dividido em dois... Como é que se fala... Frentes de trabalho: as meninas da cozinha e as meninas da horta. A gente fala “as meninas”, mas... Eu sou da parte da agricultura. Eu me sinto bem, é o que eu gosto de fazer.

Flávia: Você já tinha experiência com agricultura antes do grupo?

Joelma: Sim, sim. Eu fiquei um pouco afastada; meus pais eram agricultores, meus avós também agricultores, e quando eu vim aqui para São Paulo eu fiquei um pouco longe da agricultura. Mas quando eu cheguei aqui nesse espaço eu me achei, e aqui é o meu lugar, é o que eu gosto de fazer: cuidar da mãe-terra, produzir alimentação saudável, saber o que você está comendo. Porque a alimentação da gente hoje é tudo. Se você não sabe o que está comendo, como que é plantado, e o cuidado também com a terra. Então eu fico muito feliz em mexer com a terra, é uma terapia, é muito bom, maravilhoso.

Flávia: E se quiser contar um pouquinho, como é o dia a dia do trabalho na horta?

Joelma: Olha, é muito gratificante. Aqui a gente dá risada, aqui a gente brinca, sabe. Aqui, quando a gente passa daquele portão adentro, todos nossos problemas ficam lá fora. Vou falar que aqui é uma família, é uma nova vida. Aqui a gente respira esse ar puro; você chega de manhã, começa a aguar, sentindo o cheirinho da terra, passar no meio das hortaliças e sentir aquele orvalho nas pernas é muito gratificante. O trabalho nosso aqui é um pouco árduo, mas é gratificante. Cada um tem a sua tarefa. Tem a Léia, que já é mais da parte de administrativo, da finança do grupo, aí tem a Helena, que aqui é a praia dela, que é trabalhar com essa pegada mais da agroecologia, com aquele carinho, aquele cuidado com a semente. Eu já sou mais um pouco grosseira, que vai mais na manutenção, na limpeza, de tudo um pouco, no plantio, ajudar também no setoreamento. E assim é o nosso dia a dia.

Flávia: Acho que você comentou de alimentação saudável, então como é o processo do cultivo aqui que vocês têm?

Joelma: Então, a gente já tem uma preocupação desde a mudinha, que a gente compra, mas ela passa um tempo também na nossa estufa até ela ir para a terra, e o manejo. O manejo, a adubação do solo, porque a gente não usa nada de produto químico, nada de... Como é que se fala?

Flávia: Agrotóxico?

Joelma: Agrotóxico, é. Nada de agrotóxico, nada, nada, nada mesmo. O fertilizante vem da compostagem do minhocário, o adubo é um composto feito com poda triturada, bananeira, sobra de alimento a gente também faz a compostagem. E ainda tem o cuidado de não colocar nos canteiros o adubo, ele ainda assim sem se decompor. Tem um processo de decomposição todinho. E o manejo, o carinho mesmo, o amor que a gente tem pelo plantio, né. E hoje a gente vê essa horta aqui num pequeno espaço, mas com a variedade que a gente tem, tanto de hortaliça como de PANCs, né, que são plantas alimentícias não-convencionais, e árvore frutífera também. A gente tem até umas frutas exóticas e diferentes; a gente está tendo aqui a graviola, a cereja do Rio Grande do Sul, tem a cabeludinha, são frutas que você não acha em supermercado. Há uma diversidade muito grande, e eu tenho um prazer imenso de trabalhar aqui nesse espaço. Já pensei em ir embora várias vezes, mas não consigo. Não consigo, sabe; só em pensar em largar isso aqui... O que que a gente tem um pouquinho assim de sentimento... É que eu acho que a agricultura familiar na parte periférica urbana um pouquinho... Eu acho um pouquinho não vista tanto pelas autoridades, queria uma visão maior.

Flávia: E é uma contradição; você falou da agricultura familiar, e a gente tem dados do Censo de 2017, que fala que a agricultura familiar tem participação muito grande na alimentação, no que chega até a casa das pessoas.

Joelma: É, então, mas é uma dificuldade para a gente conseguir chegar lá.

Flávia: Precisa de um subsídio.

Joelma: Isso, subsídio, de um apoio, a gente também tem que estar com... Como é que se fala... O grupo tem que estar documentado, tem que fazer um DAP para a gente ter acesso a todos esses... É complicado. Não é fácil você chegar assim, ser uma agricultora familiar e você conseguir chegar até... É difícil.

Flávia: E você comentou do que tem aqui no espaço, mais ou menos vocês imaginam quantas variedades de vegetais que tem aqui?

Joelma: Olha, incluindo hortaliça e frutífera, a última contagem que a gente fez deu 180... 189 espécies diferentes. Aqui a gente tem pau-brasil, tem jatobá, tem uma diversidade muito grande em um pequeno espaço, que aqui é 2 mil metros, é um pequeno espaço.

Flávia: E o que que você acha desse espaço, com essa variedade e com essa proposta? Vocês são mulheres trabalhando com agricultura orgânica na periferia da Zona Leste.

Joelma: Então, é muito bom, até, para a comunidade mesmo; ontem mesmo veio uma senhorinha aqui, ela foi um amor de pessoa, mora aqui nos prédios daqui, e ela disse que ficava olhando da janela do apartamento dela doidinha para vir aqui, mas não sabia que podia entrar, achava que era particular. Ela veio, comprou hortaliça, passeou aqui comigo. Eu acho que esse projeto tem que expandir mais, ter mais pessoas focadas para que a agricultura chegue a mais pessoas, que é a alimentação saudável. E acho que é na parte mais periférica, mais nas periferias daqui de São Paulo, que precisa muito ter um cantinho que nem esse para as pessoas da população, até mesmo para a educação ambiental. Se as pessoas vêm aqui, a gente ensina que não pode jogar uma garrafa PET na via pública, você não pode jogar na natureza, no rio, e precisa muito, muito mesmo em cada ponta aqui de São Paulo ter um espaço que nem este. Não só aqui em São Paulo, como nos outros estados também.

Flávia: E vocês têm... A gente está passando por essa situação da pandemia; qual o futuro para vocês, o que vocês têm de planos e projetos? Têm alguma coisa em mente?

Joelma: Então, esse novo espaço é... Junto com a comunidade, expandir mais, ver o crescimento, plantar uma sementinha para quando... Para falar assim: “eu não estou aqui para sempre”, então quando eu sair daqui, deixar um legado, para poder falar “nossa, a Joelma passou por aqui e deixou coisas boas”. Então é isso aí que eu penso, e nessa pandemia a gente aprendeu muito e viu a necessidade hoje da alimentação saudável, a gente sentiu na pele como que é bom a gente ter uma alimentação saudável. A comunidade procurou muito nesse tempo de pandemia.

Flávia: Eu fico muito feliz de ouvir você e de saber que vocês estão com esse projeto de um novo terreno, de expandir, vocês estão resistindo, então parabéns.

Joelma: Obrigada.

Flávia: E eu queria saber, Joelma, se você quer deixar algum recado para o pessoal que está nos ouvindo.

Joelma: Que as pessoas procurem mais a origem da alimentação, que procurem mais os agricultores; tem muitos agricultores por aí e a gente precisa um do outro. Tanto a gente precisa das pessoas que vêm comprar o nosso produto como as pessoas também precisam de um produto sem agrotóxico. E parar um pouquinho mais desse negócio de enlatado, de conserva, procurar mais o natural, que isso faz bem para a nossa saúde.

Flávia: Queria agradecer muito por você aceitar participar dessa conversa com a gente, tá bom?

Joelma: Eu que agradeço também, porque é um modo de a gente levar o nosso conhecimento, através de vocês, através do Sesc, nosso parceiro.

Flávia: Imagina, a gente que fica feliz com essa parceria, com o quanto que a gente aprende com vocês.

Joelma: Muito obrigada.

Flávia: Agora nós estamos com mais uma integrante das Mulheres do GAU, a Léia, então eu vou pedir para você se apresentar para os nossos ouvintes.

Léia: Bom, eu sou a Léia, eu vim lá da Bahia já tem doze anos. Aqui no bairro de União de Vila Nova, onde fica o Viveiro Escola, em que as mulheres desfrutam desse espaço, eu já estou vai fazer dois anos. Fiquei sete meses como voluntária, e depois eu comecei a participar do projeto. Para mim, tem sido um privilégio, até porque eu moro vizinha, e para mim foi uma oportunidade única, porque eu tive minha filha e eu não tive coragem de enfrentar o mercado de trabalho, porque minha profissão era de balconista e eu tinha que trabalhar de domingo a domingo. Depois que eu tive a Maria Eduarda – hoje ela está com cinco aninhos – não tive coragem, porque é muito cruel a gente deixar um bebezinho, deixar com outras pessoas, você não poder dar atenção, quando você chega em casa cansada ainda tem que dar conta da família, tem que dar conta das coisas de dentro de casa, e para mim, participar do grupo foi uma porta de escape. O grupo é de nove mulheres, e o nosso foco é dar mais oportunidade para as pessoas da comunidade.

Flávia: E como é que você conheceu o grupo?

Léia: Eu comecei a... Quando eu cheguei aqui no bairro, em 2012, março de 2012, comecei a observar uma área verde. Para mim foi uma descoberta maravilhosa, porque me fez voltar às minhas origens; eu venho da Bahia, lá a gente morava em uma casinha que a gente olhava e ela era um pouco afastada das outras casas, e era só mato, no fundo e na frente da casa. Então eu vi esse espaço verde e voltei nas minhas raízes. Lá a gente plantava, tinha uma agricultura familiar pequena, a gente tinha nossas frutíferas, tinha bastante frutíferas, e eu lembro que tinha uns pés de seriguela, e aí ficava vermelhinho o pé de seriguela. Então, eu chegando aqui no espaço do Viveiro, me recordou tudo isso. Fora que também meu pai, eu lembro muito dele, e ele ainda é vivo, ele está na Bahia, e ele é aquela pessoa que gosta muito de planta, de animal, então me recordo muito dele através do Viveiro Escola, através da vivência aqui. Eu comecei ajudando, e um dia a Vilma me convidou para participar do grupo. Foi quando eu me firmei no grupo mesmo e, para mim, tem sido uma honra, uma honra e uma oportunidade muito ímpares; eu acho que nem todo mundo tem essa oportunidade.

Flávia: E qual que é a sua atuação no grupo?

Léia: Olha, no momento, o grupo Mulheres do GAU tem duas frentes de trabalho. Tem a parte da horta, que requer bastante atenção; o nosso logo é “da horta para a mesa”, ou seja, a gente produz na horta e leva para a cozinha. As nossas comidas a gente prepara parte do que a gente tem na horta, e complementa também um pouco por fora. Eu fico mais na parte da administração; eu mexo com o fluxo de caixa, então eu fico mais na parte das anotações, de ir administrando, de ir anotando tudo, mas também gosto muito de ficar na horta. Para falar a verdade, eu me identifico mais mexendo na terra do que ficar no computador.

Flávia: O que você pode dizer do efeito de participar das Mulheres do GAU na sua vida?

Léia: São efeitos... A saúde, a saúde física, a saúde mental. A gente sabe que já tem estudos que mostram que mexer na terra é uma terapia. A gente tem depoimentos aqui do grupo, de pessoas do grupo; a vizinha mesmo dá o depoimento que ela tinha depressão, e depois que ela começou a participar, a mexer na terra, a ficar no grupo, a atuar no grupo, ela sarou essa depressão. Então é um instrumento de saúde física e mental. Também tem minha filha, que eu... Quem dera que toda mãe pudesse ver os seus filhos vivendo uma vida natural, mexendo na terra, se sujando. Eu tenho o

maior prazer de pegar a roupa dela e lavar cheia de barro, porque eu sei que é uma coisa saudável, ao invés de ela estar brincando só com celular, só em redes sociais.

Flávia: Que bom. Se você quiser comentar um pouco, como é que você acha que o Viveiro... Desde que você mora aqui no bairro, ele mudou um pouquinho da cara do bairro?

Léia: Com certeza, o Viveiro tem sido uma referência para o nosso bairro. Tanto que, quando vem pessoas lá do Sul, vem pessoas do Centro, elas falam que às vezes, para pegar transporte, pegar um Uber, por exemplo, elas têm uma certa dificuldade, porque hoje o nosso bairro, para a vista de antigamente, é um paraíso. Está tudo asfaltado, está tudo bonito. Tinha um histórico de violência, e até hoje ainda tem pessoas que, para pegar o transporte, têm dificuldade, porque ainda tem na mente de algumas pessoas esse aspecto mau do bairro. Mas é uma coisa que já mudou, então eu creio que essas pessoas que vêm pra cá, elas são de lá do Centro, e elas ouvem falar disso, desse lado bom do bairro, e quando ela chega aqui, ela percebe que a coisa mudou. Então o viveiro está sendo uma referência para o bairro, para a comunidade, além de uma oportunidade de uma fonte de renda, a gente está sendo aqui uma oportunidade de fonte de renda. Diante da pandemia, as Mulheres do GAU, a gente recebeu muitas doações e também unimos forças para ajudar a nossa comunidade. A gente entrou em projetos, como a Benfeitoria da Tide Setubal, em que a gente fez uma campanha de arrecadação, e a gente conseguiu 31 mil reais. E aí, desses 31 mil, a gente reverteu também na distribuição de cestas básicas, cestas orgânicas, vale-gás para a comunidade, e também ajudando a nós mesmas, porque no grupo, a maioria das mulheres está no grupo de risco, então a maioria não estava vindo pro Viveiro para poder produzir. Até a cozinha agora mesmo está em um projeto, que é um projeto que beneficia os idosos aqui do bairro carente. Então agora se está conseguindo uma fonte de renda, mas assim, ficou bem reduzida a fonte de renda, justamente porque as mulheres estão no grupo de risco. Mas, com toda a dificuldade, a gente ainda consegue ajudar a nossa comunidade, e recebemos a ajuda também para a gente. Olha, com essa pandemia a gente... Veio trazer uma reflexão pra gente do que é necessário. Muitas vezes a gente fica preso a coisas que nem são tão necessárias, e aí com essa pandemia, a gente viu realmente, a gente está vendo realmente coisas pequenas, atitudes pequenas, hábitos que a gente achava irrelevantes, mas que agora a gente está vendo o valor que têm. Então isso trouxe uma reflexão para a gente. E outra, veio à tona a necessidade de a cada dia a gente se cuidar mais, cuidar da nossa saúde e mudar nossos hábitos. Se a gente não mudar nossos hábitos, a tendência vai ser a cada dia a gente enfrentar mais crises de pandemia, porque o nosso corpo já está doente se a gente não começar a mudar os nossos hábitos. Eu estou no grupo há dois anos, mas algumas coisas, alguns hábitos eu tinha que não eram bons pra minha saúde, e que eu já estou tirando; já tirei algumas coisas. Então com essa crise... Essa pandemia veio para alertar as pessoas, “o que é necessário mesmo a gente fazer?”; a gente tem que preservar o nosso meio-ambiente, respeitar a mãe-terra, que se a gente respeitar, vai ser benefício recíproco: a gente vai estar beneficiando a terra, e a terra vai estar beneficiando a gente.

Flávia: Bom, para nos despedirmos, se puderem, busquem as Mulheres do GAUnas redes sociais; é um projeto muito bonito. Esta conversa, este conteúdo está nos portais do SESC Itaquera. Compartilhem, comentem, deem sugestões sobre assuntos que gostariam de ouvir por aqui. Queremos agradecer a quem nos ouviu; muito obrigada e até a próxima.